



RAY SHERWIN
the BOOK of RESULTS
• LIVRO DOS RESULTADOS

RAY SHERWIN

THE BOOK OF RESULTS

O Livro Dos Resultados

Tradução:

Laurent Gabriel

André Camello Costa

Alexsandro Percy

Luis Siqueira

Arte:

Isa Valença

Arthur Chaves Toledo

Pinheiral - RJ

2016



Dados de Copyright:

A tradução e a publicação em e-book deste livro foi autorizada pelo autor, Ray Sherwin. Um presente dele para todos Nós!

ÍNDICE

Prefácio da Primeira Edição em Português.....	5
Prefácio	7
Capítulo Um.....	9
O Livro Dos Resultados.....	16
O Juramento.....	17
O Regime Diário.....	18
Capítulo Dois	21
Um Exemplo	29
Capítulo Três.....	30
O RITO DA ESTRELA DO CAOS	33
Um Ritual de Exemplo	36
O Ritual.....	39
Capítulo Quatro.....	41
Sigilos de Ação	45
RUBRICA DO RITUAL	47
O NÓ DOS DRUIDAS	51

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Conheci Ray Sherwin em um ensolarado dia de setembro. Havia viajado para encontrá-lo, conhecê-lo e se tudo fluísse bem, pedir a autorização dele para traduzir e publicar *The Book of Results*. Como vocês podem deduzir, tudo fluiu bem. Esperava encontrar uma pessoa rebelde, livre, alegre, transformadora. Foi bem assim que aconteceu. Os poucos dias que permaneci em Fuerteventura reforçaram em mim cada um destes Espíritos. O resultado está aqui. Uma obra que em suas entrelinhas fala ao nosso Inconsciente sobre Rebeldia, Liberdade, Alegria e Transformação.

The Book of Results oferece em uma experiência única a transformação de um simples leitor em um praticante de 'Magia do Caos'. Ray Sherwin cunhou este termo, 'Magia do Caos', para designar algo diferente do que vinha sendo feito até então na área da magia. A magia até então tem sido feita com base em ordens, livros, cursos, instrutores. Este livro propõe a você a criação do seu próprio caminho, baseado em seus próprios resultados.

Quando eu o li em 1997 foi como um tapa na cara. Foi o primeiro e mais conciso livro que li sobre demônios pessoais. O livro me desafiava: Você ousa? pois, se não ousa, nem adianta seguir lendo o livro. Este é o mesmo desafio que fazemos a você: você ousa praticar os atos de magia? Ousa a ser Rebelde quanto à existência das ordens? Ousa ser Livre para fazê-lo sozinho? Ousa trabalhar com Alegria ao invés de cerimônia? Ousa Transformar-se pelo auto-conhecimento? Além destes desafios,

este livro orienta-nos sobre como percorrer este caminho, por nós mesmos, podendo até trocar experiências com outros praticantes, sem graus ou outro desnível qualquer, pois todos contemos em nossos corpos o mesmo potencial.

Como um roteiro inicial para o leitor partir para a ação, o livro propõe o estudo e prática do Rito da Estrela do Caos e a Rúbrica do Ritual. Ensina alguns métodos para se obter o necessário estado de Gnosis e sugere um meio de obter esquecimento. Desafia-nos a cada página, a preencher o nosso Grimoire pessoal com nossas tentativas e resultados. Por isto este livro se chama *The Book of Results*. O livro que contém os resultados da nossa prática pessoal. Nunca haverão dois iguais.

Fizemos esta publicação para você pois acreditamos que esta é a obra mais significativa na Magia do Caos. Esta é a obra que possibilita, em uma relativamente curta experiência, transformar você de leitor em praticante de magia. Esta primeira edição em Português do *The Book of Results*, contém, após o texto do livro, um apêndice, que chamamos de *O Livro dos Resultados*. São 33 páginas em branco, para que você possa iniciar aqui mesmo o seu próprio Livro dos Resultados.

Para tornar esta obra realidade foi imprescindível contar com todos os membros do CAOS, que doaram seus tempos, energias e recursos para que assim O tenhamos feito.

CAOS!

Luís Siqueira CAOS - Clã dos Adeptos da Oculta Sophia

PREFÁCIO

Esta interessante contribuição para a prática e teoria de sigilos certamente merece uma quarta publicação. Nela, você encontrará alguns refinamentos engenhosos das práticas e princípios desenvolvidos pelo Grande Mago Inglês Austin Osman Spare. Este livro é basicamente um kit de extensão prática para a agora já clássica técnica de sigilos que também proveitosamente resume o original em linguagem simples.

Com uma refrescante austeridade, Sherwin nos lembra que demônios são pontos cegos bem reais que os aspirantes a magistas devem superar com um regime diário de obstinadas atividades mágicas e materiais. No lado não reducionista da moeda, ele mostra como os truques básicos de técnicas mentais de sigilização podem ser expandidos em grandes rituais completos com técnicas de banimento, mantras e giro dervixe, para criar ritos mais longos e poderosos.

Sherwin discute a teoria dos sigilos e apresenta o mecanismo básico, descoberto por Spare, explicando todo o leque de procedimentos analógicos aparentemente bizarros dos velhos livros de magia de uma só vez. Este insight é um marco na história do pensamento mágico. Alguém sempre poderá dizer a diferença entre os magistas que entenderam isto e aqueles que não entenderam. O Rito de Banimento da Estrela do Caos é uma adição útil ao repertório mágico do caoísta apesar de suas referências à agora controversa teoria do Big-Bang. Similarmente, a aparente singularidade do Self no modelo de Sherwin poderia também causar estranheza em um caoísta ou dois e provocar mais debate e pesquisas sobre este tema.

O ritual grupal para sigilos abstratos coletivos atrai minha atenção e parece transcender a limitação de um operador único para a clássica técnica de sigilos. Sem dúvida ela formará

a base de experimentos desafiadores entre grupos de diversas convicções.

Isto é, acima de tudo, um livro de técnica acessível e prática. Compre-o, estude-o e use-o. A razão de magistas praticantes para colecionadores de livros mágickos é provavelmente de 1:100. Esperançosamente, este livro veio ajudar a retificar a situação.

Pete Carroll.

CAPÍTULO UM

Desde a primeira publicação do Livro dos Resultados em 1978, a sigilização se tornou uma abordagem popular, ainda que pouco valorizada, para alguns tipos de feitiçaria. Dentro da minha atitude pessoal frente à Magia, a sigilização está largamente presente, mas dificilmente isolada (de outras práticas) já que seu sucesso depende fortemente de outros aspectos da Arte mágica. É talvez melhor, no início deste curto livro, fazer uma leitura geral para apreciar a importância relativa dos sigilos (do meu ponto de vista) antes de examinar sua construção e uso detalhados.

Eu sempre suspeitei do sistema de gurus e hierarquias mágicas. Para evitar entrar em uma longa discussão sobre isto, basta dizer que na minha experiência, ordens mágicas que tendem a este tipo de heresia, por quaisquer razões, sempre militaram contra o indivíduo em favor da ordem, especialmente quando surge o conflito, mas também, maliciosamente, como uma via de regra. Já que a Magia é uma busca individual, o indivíduo deve sempre ser de suma importância e qualquer um que negue isto está buscando lucro ou poder ou não sabe nada melhor.

É sempre sábio escutar o que outros dizem, mas decisões e ações precisam ser tomadas com base no conforto, prazer e efetividade após a experimentação individual ter sido realizada. Se mantendo no centro de sua atividade mágica, ao invés de seguir as peculiaridades que outros acharam úteis, também ajuda a manter o indivíduo atento contra absorver dogmas acidentalmente e tratá-los como verdades pessoais.

Esta é a única forma de entender que crenças não são conceitos permanentes mas mercadorias intercambiáveis que podem ser gerenciadas pelo magista (e por outros) e manipulados em seu benefício. Quando perguntado “O que você acredita?”, o magista, falando de seu centro de Vontade, deve ser ca-

paz de responder, com toda a honestidade: “Eu não acredito em nada”. Com esta tela em branco à sua disposição, o magista pode então adotar e descartar as crenças que ele achar mais convenientes. Eu trabalhei muitas das técnicas úteis para atingir esta condição na minha tradução de *The Golden Verses of Pythagoras*, que foi incluída no *The Theatre of Magic*. A base deste esquema é a autopsia ou o auto-questionamento estrito e sistemático.

Existem dois tipos básicos de técnicas mágicas, uma que te leva à sua mente e outra que te tira dela. Em alguns casos, girando em volta de si por exemplo, qualquer um dos efeitos pode ser atingido de acordo com a intenção do magista. Tocar tambor, transe induzido por drogas e algumas técnicas de mantra são técnicas gnósticas que também entram nesta categoria. As técnicas que inibem o corpo: asanas, privação sensorial e por aí vai, são melhor indicadas para olhar para dentro enquanto que as técnicas que excitam o corpo são melhor utilizadas para se projetar dinamicamente para fora.

O místico pode ter muito a falar sobre a evidente dualidade disto. Eu não tenho nada a acrescentar exceto que o indivíduo deve experimentar quantas técnicas ele encontrar ou inventar com o objetivo de descartar imediatamente aquelas que obviamente não lhe são convenientes, por quaisquer razões. Ele deve então concentrar sua atenção na maestria das técnicas restantes. Exercícios técnicos diários devem ser executados com sentimento mágico e é importante tratar estes exercícios como alguém trataria a calistenia (ginástica) ou as formas mais práticas de yoga corporal. Uma vez que uma técnica seja dominada, ela pode então ser utilizada com confiança durante um ritual mágico como tal. O magista que tenta utilizar técnicas não dominadas, o faz por sua conta e risco. Na melhor das hipóteses, o ritual não terá efeito. Menos otimisticamente, ele poderá deixar o tempo se sentido mais idiota do que entrou, um certo retrocesso em seu desenvolvimento que seria melhor ele ter evitado.

Eu recomendaria para qualquer um que acabou de começar a usar métodos desse tipo estabelecer um regime diário, um programa combinando rigor e prazer. Um registro escrito detalhado ajuda a manter a perspectiva e é um auxílio inestimável para ajudar a atravessar a distância entre performance e atividade, ou seja, entre a habilidade presente e a expectativa pessoal. Em outras disciplinas, na yoga por exemplo, se pratica diariamente e com cada prática o corpo responde se tornando mais flexível. A mente, entretanto, é mais sutil que o corpo. As únicas razões para não ser capaz de adotar uma postura de yoga são a inabilidade física ou a rigidez das articulações que podem, com a prática, relaxarem. Mas existe todo um leque de outras razões para não obter sucesso em outras áreas da vida e é a conquista destas que é chamada “Magick”.

Não existem novos métodos em Magick, meramente rearranjos e refinamentos de métodos antigos. O processo de auto-integração das neuroses condutoras através da meditação e catarse emocional é o mesmo método em essência que poderia ser utilizado para conduzir o Self a coisas maiores. A palavra “evolução” foi forçada ao extremo neste contexto, mas se mantém a melhor palavra que temos.

O Homem é uma criatura de hábitos preguiçosos. Esta preguiça pode inclusive ter sido umas das maiores razões de sua evolução até aqui, encorajando-o, como deve ter sido, a encontrar condições mais fáceis de sobrevivência do que as condições que ele conhecia. O Hábito, mesmo em atividades complexas, reduz a quantidade de concentração necessária para a execução de uma tarefa. O simples expediente do polegar opositor deve ter precisado de uma grande concentração quando esta capacidade começou a se desenvolver, da mesma forma que o desenvolvimento da visão tridimensional e o início do pensamento coerente e da linguagem. Nos tempos antigos os indivíduos mais capazes de utilizar estes desenvolvimentos que poderiam ter sido vistos como magistas – aqueles que podiam correr rápido, produzir ferramentas com maior precisão ou juntar observação e

talento para produzir ideogramas – ainda que eles rapidamente fossem igualados por aqueles cujas faculdades fossem ligeiramente menos desenvolvidas. Aqueles que não eram física e mentalmente capazes não sobreviveram.

Em escala geológica, atividades como segurar com o polegar e ver tridimensionalmente se tornaram corriqueiras. Nós certamente não pensamos sobre elas e no caso da segunda, é extremamente difícil revertermos o processo e enxergar tudo em duas dimensões.

O hábito reduz o grau de concentração necessário para a execução de qualquer tarefa e desta forma libera a capacidade de concentração para outras áreas e é isto, agora uma faculdade quase sem uso (sem uso, pois não é mais necessária para a manutenção do organismo), que provê a chave para o esquema mágicko que eu achei ser o mais útil. Aqui, temos um reservatório de concentração potencial que não está sendo usado. Por ser uma criatura de hábitos preguiçosos, o homem prefere o conforto à aventura, o repouso ao movimento em ambos os sentidos, mental e físico. Somente as maiores mentes conseguem romper com essa inércia e produzir algo novo, vital e essencial. Para a vasta maioria, que só consegue ver suas capacidades em raros momentos de lucidez incomum, a vida segue normal, o ser supremo rejeitado em favor do comum.

Tradicionalmente, o magista se força a fazer estas coisas que sua vontade pessoal esperaria até amanhã. Este método falhou porque se baseou na imposição de novos hábitos, embora auto-impostos ao invés de hábitos arbitrários, sem a declaração de seus objetivos.

Tem sido dito que existe um mecanismo de censura que nos impede de agir em nossa plena capacidade. Seja este mecanismo visto como uma das funções do Sagrado Anjo Guardião, como uma barreira mental natural e necessária, ou – como outros o interpretaram – o trabalho de demônios ou aliens residentes na mente, é claramente um objetivo para o magista ultrapassá-lo ou destruí-lo. O magista deve mapear sua consciência a

partir de dentro de si, se desfazendo do mecanismo de censura proporcionalmente ao aumento de seu autoconhecimento até que ele não mais interfira em sua estratégia global.

A primeira tática para que isto acabe é fazer um catálogo de atividades. Existem várias razões pelas quais fazemos coisas – embora às vezes gostemos de fazer coisas sem nenhuma razão aparente. O magista deve analisar cada ação que ele executa e satisfatoriamente explicar para si próprio a razão para cada ação até que sua mente comece a planejar mais claramente o aumento das atividades lícitas e a diminuição daquelas ilícitas. Neste ponto ele estará executando ações desejadas e necessárias (lícitas) e não se dobrando aos acréscimos do hábito ou do apetite. As possíveis razões para a execução ou omissão de uma atividade são várias:

1. NECESSIDADE: Saúde, bem estar, grana, evolução/desenvolvimento. Esta última categoria pode ser meio confusa. Atividades tais como leitura e construção do que seja podem ser classificadas sob o cabeçalho do “desenvolvimento”. O magista deve ser implacável em sua análise.

2. HÁBITO: Fumar é um exemplo óbvio. Deixando de lado a questão da saúde que não se aplica à todas as ações habituais, é necessário somente identificar as atividades habituais. Estas podem ser sub-divididas em hábitos que interferem nas funções da categoria 1 e naqueles que não interferem. Em ambos os casos o magista deve desistir de sua prática.

3. APETITE: Isto inclui comer, beber, sexo, abuso de drogas e quaisquer outras atividades cujo resultado seja estimular o organismo em vias estranhas às suas necessidades ou natureza.

4. MEDO: Isto é, medo das conseqüências caso certas ações não sejam realizadas.

5. PREGUIÇA: Qualquer uma das categorias listada acima poderia também pertencer a esta categoria, até mesmo grana. O Homem que usa o trabalho mundano como desculpa para não

fazer estas coisas que ele realmente precisa, é um auxiliar de escritório que nunca se transformará em um Einstein.

6. FALTA DE AUTO-CONFIANÇA: “Não vou cozinhar esta refeição porque eu não sou um bom cozinheiro”. Forçado à uma situação, qualquer homem pode se tornar um Robinson Crusoe. “Eu não sou um bom telepata” é uma razão insuficiente para não tentar – e talvez conseguir.

7. ATIVIDADES PARA PASSAR O TEMPO: Atividades que servem somente para distrair até que outras atividades mais importantes possam ser realizadas.

Outras razões podem ser listadas como a) bravata, b) orgulho, c) ansiedade para agradar, d) ambição – normalmente um reflexo condicionado ou auto-condicionado que serve ao único propósito de resolver “b)” ou “c)”, e) o complexo gregário (fazer o que os outros fazem) e f) estímulo-resposta.

A observação e análise crítica das ações de um indivíduo é de fundamental importância, mas isso não pode ser feito de qualquer forma. Para o magista, treinado nos métodos de conjuração e sigilização, o jeito mais fácil de se tornar consciente e destruir os truques sutis da mente que o impedem de trabalhar em sua plena capacidade é personificá-los como demônios, cada um com seu nome e sigilo.

Para ser generoso com o praticante de magia tradicional, pode ser que quando ele evocou Behemoth, demônio dos prazeres do estômago, e depois o tenha banido, ele estivesse tentando entender seus próprios apetites vorazes e desta forma se livrar deles. Mas mesmo se fosse esse o caso, uma operação de natureza tão isolada teria pouco ou nenhum efeito permanente nele. De qualquer forma, existe pouco proveito em se identificar com um demônio criado por outra pessoa, já que esta idéia certamente se manifestará de formas diferentes para cada indivíduo ou até em alguns casos, de forma alguma.

Algumas meditações matinais produziriam a lista das categorias de atividades ilustrada acima. As atividades lícitas,

aquelas listadas na categoria 1, não precisam ser personificadas, mas todas as outras devem ser nomeadas e providas de um sigilo. Os nomes e sigilos podem ser totalmente arbitrários ou podem ser descobertos por associação de palavras ou métodos similares.

Tendo identificado estes demônios, o magista deve então se focar na observação de suas ações, o que, por si só, pode restringir a ação de alguns deles. Para destruir os mais incontrôláveis deles, entretanto, ele deve adotar um regime diário, um ciclo de ações que não somente ajudará em sua análise, mas que também fornecerá funções adicionais para reforçar sua estratégia original.

Nesse estágio, o benefício de observar suas próprias ações tão minuciosamente pode não ser tão evidente. Mas fazendo isso, inevitavelmente o magista se sentirá incentivado a fazer alguma coisa que ele estava planejando a anos, o que é um mero efeito colateral exceto na medida em que esta coisa possa ser uma função da categoria 1. É fundamental que a atividade ilícita possa ser reconhecida pois é o que interfere com as funções presentes ou propostas da categoria 1.

Uma função típica da categoria 1 é comer. Se, porque eu sou muito preguiçoso para comprar comida, eu morro de inanição, é resultado da intervenção do demônio da categoria 5. Aqui meu instinto sempre se mostrará mais forte que ele porque o mecanismo de sobrevivência, uma função integral da categoria 1, não é afetado pelos ataques demoníacos deste tipo. Se eu me tornasse gordo e doentio como resultado de um ataque combinado dos demônios das categorias 5 e 3, o caso não seria tão simples. As funções da categoria 1, seriamente afetadas, só podem defender o Self através da observação do desastre potencial e a aplicação da Vontade. Este é o tipo de problema com o qual todos ocasionalmente temos de lidar, mas confrontados pelo problema “Por que eu não consigo executar telecinésia?”, outra possível categoria de função 1 (deixando de lado a questão da

concentração) a solução deve ser uma ou a combinação das seguintes opções:

- a) Eu não acredito que isso seja possível.
- b) Eu não gastei tempo o bastante tentando.
- c) Eu não acredito que isso seja necessário.
- d) Eu tenho coisas melhores para fazer.
- e) Eu não sei por onde começar.
- f) Eu não quero falhar, por isso nem tento.
- g) Eu sei que eu consigo, mas tenho coisas mais importantes para fazer.

No caso do “Eu não acredito que é possível”, eu me rendo ao meu nível atual de capacidade, negando a mim mesmo a opção de funcionar 100% não reconhecendo que a crença é arbitrária e que posso mudar minhas crenças tão facilmente como mudo meus sapatos. Em todos os outros casos, eu estou sob ataques de demônios que são expulsos por observação e confrontação. Quanto mais sucesso eu tiver contra eles nas áreas mundanas da categoria 1, mais eu estarei preparado para repelir suas seduições que negam meu sucesso mágicko.

O LIVRO DOS RESULTADOS

Como resultado de seu treinamento, o magista é perfeitamente capaz de se desembaraçar de sua descrença. Ele faz isso todas as vezes que entra em seu templo e todas as vezes que faz uma invocação. (Como um aparte, existe uma escola de pensamento que sugere que o Universo se desenvolve segundo as linhas sugeridas pela crença consensual, se tornando mais “ortodoxo” e menos sucessível às intercessões da magia. Provar constantemente a si mesmo que o Universo pode ser persuadido a operar de modos diferentes é um dos efeitos secundários benéficos positivos da sigilização).

O magista tradicional usa uma ferramenta arbitrária – o grimório de demônios. A sugestão aqui não é que ele tenha usado os métodos errados, mas as ferramentas erradas. Se o seu grimório tivesse sido constituído de demônios adequados às suas próprias inadequações ao invés de divagações fantasiosas e, se ele tivesse determinado seu objetivo global e trabalhado em direção a este objetivo, ele teria obtido mais sucesso.

Mantendo seu registro, observando e identificando seus demônios, o magista escreve seu próprio grimório, um texto aonde explora todos os truques de cada demônio em seu esforço concentrado para frustrá-los. Ele pode contemplar suas ações o quanto desejar, mas vai achar bem mais fácil se livrar destes acréscimos de personalidade em sua natureza quando ele se desfizer de sua descrença o suficiente para perceber as ações ilícitas como sendo as maquinações de alguma coisa fora de si com personalidade própria. É enormemente mais fácil anular os efeitos de um demônio do que destruir uma função que o ego é se esforça em manter.

O registro mágicko é o espelho do magista. Nele, ele se vê, não como os outros o percebem, mas como ele realmente é. Nele, suas qualidades e defeitos estão expostos e disponíveis para exame minucioso. Nele, seus sucessos e falhas estão meticulosamente registrados. É a sua glória e a sua vergonha. Mas essa glória não está nos seus sucessos, assim como sua vergonha não está em seus fracassos. A Glória está nas operações tentadas. A vergonha nos dias em que não escreveu. É um livro permanente, escrito com esforço e simplicidade e ilustrado quando necessário.

O JURAMENTO

O juramento é uma Declaração de Intento. Não é uma promessa ou um pacto com nenhum poder ou energia exterior imaginado, não importando o quão real estas coisas possam pa-

recer para o magista. É uma declaração das necessidades, intenções e motivos do magista, pautado pela estratégia que ele decidiu, mas não é estático e deve ser alterado ou corrigido de acordo com seu desenvolvimento. Delineando sua posição tão claramente é de grande valor quando ele enfrentar dificuldades para decidir um rumo particular a ser tomado ou até mesmo quando ele decidir que o juramento em si precisa ser modificado. Em tal ocasião, a sua explicação do porquê o juramento deva mudar acarreta em uma nova Declaração mais clara. Este assunto não é uma tarefa que possa ser completada rapidamente. Para um juramento ser efetivo (eficaz), ele deve ser ao mesmo tempo rígido e encorajador, restringindo o magista à atividade lícita (do jeito que ele a tiver definido) ainda que permitindo o aprofundamento de seu auto-conhecimento, e ao mesmo tempo guiando-o constantemente na direção que ele escolheu.

Tendo escrito seu juramento, meditado sobre ele para confirmar sua adequação, o magista o copia em seu Livro dos Resultados. Ele pode escolher complementá-lo com um pantáculo, um símbolo que incorpore as funções do juramento e seus inter-relacionamentos.

O REGIME DIÁRIO

Dado que o magista precisa ordenar sua vida em termos de grana e, até certo ponto, de sociabilidade, a fase inicial de escrever o seu grimório deve necessariamente ser um retiro mágico completo com o objetivo de estabelecer a nova ordem. A identificação dos demônios e a formulação do juramento é prévia a isto, de forma que o magista tenha uma base funcional para começar. O retiro deve ser de no mínimo 7 dias, sendo este o período mínimo necessário para a integração de um sistema dentro do qual, cada uma das atividades diárias terá um efeito em todas as outras atividades. Embora o regime deva ser flexível, o retiro deve pelo menos começar com um programa fixo de for-

ma que nem uma hora seja desperdiçada e isto para que o magista possa começar imediatamente com a destruição dos demônios já identificados. Segue um exemplo de regime:

9:00 – Realizar atos de higiene, de natureza e necessidades. Beber água ou suco de fruta.

9:30 – Pranayama. Enfatizado pelos seus efeitos em auto-disciplina e clareza de pensamento.

10:30 – Contemplação e escrita do registro. O magista reflete as suas ações do dia anterior e analisa-as, assim como as coisas que ele deveria ter feito mas não fez. Isto pode alterar seu programa para o presente dia. A realização deste exercício não encerra com o fim do retiro. Ela assume uma importância ainda maior quando ele retoma seus afazeres do dia a dia. Registrar seus sonhos também pode fornecer informações úteis para análise no final do retiro.

11:30 – Exercício físico. O pranayama não deve ser praticado por uma pessoa doente. O Exercício também é uma função da categoria 1, contribuindo para a saúde e para o sentimento de bem estar geral.

12:30 – Almoço. O Juramento vai, sem dúvida, conter alguma indicação da qualidade e quantidade da comida necessária.

13:30 – Concentração em um poder escolhido.

14:30 – Lazer.

15:30 – Pranayama.

16:30 – Contemplação e escrever no registro.

17:30 – Exercício físico.

18:30 – Jantar.

19:30 – Higiene pessoal e necessidades.

20:30 – Lazer

22:30 Pranayama e concentração no poder escolhido. Após isso dormir recitando um mantra criado para exemplificar o juramento.

No final de seu retiro, o magista reexamina sua situação e decide quais destas atividades ele precisa manter. Necessariamente, ele precisa manter suas análises diárias e exercícios de concentração no poder os quais inevitavelmente serão mais difíceis conforme ele volta ao mundo da atividade mundana.

CAPÍTULO DOIS

A Magia nunca foi popular. Sempre foram uns poucos escolhidos, geralmente trabalhando sozinhos e em segredo, aqueles que levaram adiante as tradições e exploraram os espaços internos da consciência humana. E foi através destas pessoas, e não dos que buscaram fama ou glamour, que herdamos o presente legado de informação escrita.

Recentes tentativas de popularizar o tema tiveram vários efeitos transformadores, o maior deles sendo uma rica literatura que nunca havia se tornado pública estar agora disponível a vontade. A oportunidade de aprender através dos erros de outra pessoa agiliza o processo do indivíduo. Uma larga escolha de material também possibilita a escolha de métodos de trabalho mais apropriados às inclinações pessoais sem que o indivíduo tenha que experimentar cada método que encontrar pela frente.

Uma das poucas disciplinas não-mágicas que especula sobre os poderes inatos da mente é a Dianética. O seu modelo da mente foi formulado a partir de tentativas de descobrir métodos de remoção de aberrações, mas pode ser utilizado positivamente para criar assim como ser aplicada no trato terapêutico negativo. O Dr. Christopher Evans explica este modelo da seguinte forma:

- "... a causa das aberrações é interessante. Em circunstâncias normais, quando a mente analítica está plenamente operacional, ela estoca e computa *todo input sensorial* e reage apropriadamente. Porém, em momentos de *inconsciência* ou *grande stress emocional*, a mente analítica cessa de funcionar apropriadamente e a mente reativa, que ficou pensando com seus botões sem nada para fazer, momentaneamente volta ao jogo. Ela imediatamente começa a gravar detalhes das experiências – *geralmente alarmantes* – que causaram a perda de consciência da mente analítica e estoca-os em traços chamados "engramas". Com o retorno da consciência e o funcionamento normal, a

mente analítica volta ao rumo novamente, tendo “*esquecido*” a recém experiência traumática que está, porém, firmemente guardada nos bancos de dados da mente reativa...” “A mente reativa então se torna um tipo especial de depósito cheio de lixo desagradável... e o que é pior, é lixo que possui algum *poder definitivo*...” (Citação de Cults of Unreason (Panther) - ênfase minha (N.do T. : Do Autor).

Lidando com Magia, se está definitivamente lidando com emoções, sem as quais nenhuma força poderia ser gerada. Em um ritual, também se está lidando com inconsciência (auto-infligida e controlada), resultado de toda técnica gnóstica e sem a qual a magia não tem eficácia. De acordo com a teoria dianética, ambos os estados (grande estresse emocional e inconsciência) não somente desligam a mente analítica consciente mas também permitem dados serem aceitos e estocados na mente reativa, o “depósito” cujo conteúdo quando acidentalmente reestimulado causa doença e aberrações. A Doença e as Aberrações são entretanto resultados da re-estimulação descontrolada dos engramas, ou, para falar de outra forma, sigilos criados acidentalmente.

EXEMPLO NEGATIVO. um engrama. Uma criança atravessando a rua é atropelada por um carro e sofre um machucado na cabeça. O acidente em si dura um segundo de sua percepção. Durante esse segundo ela experimenta medo, dor e inconsciência. Durante esse segundo a sua mente analítica é desligada pelo medo, dor e inconsciência de forma que qualquer impressão formada em sua mente é formada somente na mente reativa que não possui capacidade de argumentação. Ela guarda todas as impressões daquele segundo juntas, independente de qual é a impressão da cor do carro, do barulho do trânsito, do cheiro de pão da padaria perto, do gosto de sangue em sua boca ou da sensação da maca. Quando ela estiver consciente novamente a criança não terá uma recordação consciente destas impressões e, mais tarde, não terá razão para conectar o fato de que quando ela experimentar uma ou todas estas impressões nova-

mente (sem a dor e a inconsciência), ela sofrerá fortes dores de cabeça.

EXEMPLO POSITIVO. um sigilo. O Mago precisa de um templo próprio. Ele faz um sigilo (descrito em detalhes mais adiante) e determina o melhor templo que pode, tanto no mundo concreto como em sua imaginação. Em outras palavras, quaisquer deficiências no que ele está criando é causada pelo poder da imaginação. O templo real que ele imagina não contém nada alienígena à sua idéia do templo que ele precisa. Eu já escutei vários magos falando que o meio no qual um sigilo é ativado não tem importância alguma se os poderes de concentração dos magistas forem bons. Discordo totalmente dessa opinião. Não importa quão bom for o poder de concentração dele, quando ele atingir o estado gnóstico (o qual é cognato com a dor, medo ou inconsciência do engrama) todas as impressões sensoriais serão estocadas independente de onde ele esteja concentrando sua atenção e todas estas impressões sensoriais serão estocadas junto com o sigilo e seu intento na mesma parte do “lixo”.

Tendo pensado seu ambiente de forma que todo input sensorial seja relevante (não há caixa de fósforos no altar, nenhum saco de carvão) ele eleva seu estado mental através de qualquer técnica gnóstica que ele achar mais relevante. Isso pode envolver girar até um estado de exaustão, batucar, cantar, trepar, privação sensorial e quaisquer outras técnicas disponíveis para ele. No auge da gnose, quando a sua mente analítica estiver temporariamente fechada, o sigilo e todas as outras impressões são levadas juntas para a mente reativa, para lá permanecer até serem re-estimuladas. A maneira como os sigilos funcionam no mundo exterior vai ser discutida mais a frente no texto.

Um sigilo é um desenho, um glifo que é ao mesmo tempo simples de visualizar e representativo de um desejo específico ou geral. Ele é construído pelo magista de acordo com qual(is) sistema ou sistemas simbólicos ele achar mais vivo(s) e funcional(is). Os usos para os quais um sigilo pode ser feito são

inumeráveis. Em termos das mais elevadas aspirações da humanidade, independente de nos referirmos a estas aspirações como “união com deus” ou “consciência cósmica”, os sigilos devem ser empregados com um período de tempo para ajudar a realizar a ambição. Em empreitadas menos espirituais, eles podem ajudar o magista em suas tentativas de exploração astral e exteriorização (a segunda sendo a experiência extra-corpórea), e também podem ser utilizados para usos práticos no plano profano ou material.

Os sigilos podem ser utilizados para a aquisição de poder, dinheiro ou amor, o que levou alguns de nossos menos evoluídos irmãos a pintá-los com o pincel da “magia negra”. Deixem-me colocar isso o mais claramente possível: a sua moral e ética é problema seu. Cabe a você escolher o que você acredita ser bom ou mau (se, de fato, você estiver de alguma forma preocupado com tais ultra-simplificações). Esse é um ponto importante. O Magista não deve começar qualquer trabalho ou série de operações caso ele tenha qualquer dúvida da moralidade delas já que essas dúvidas inevitavelmente vão sabotar o potencial sucesso da Magia, iniciando o que Austin Spare chamou de “diálogo interno”. Além do quê, começar um trabalho mágico acreditando que o trabalho é moralmente errado vai trazer desastre da mesma forma que a lei do karma é imaginada funcionar.

A idéia medieval de sigilos relativos à planetas e seus espíritos e inteligências é ainda útil até certo ponto, mas somente na medida em que eles possam ser incorporados em um sigilo pessoal criado em sua maior parte pelo Magista em si. Não há virtude em incorporar idéias tradicionais em um sigilo se o operador considerá-las frágeis ou inefetivas. Cada aspecto do sigilo deve ser relevante em seu ponto de vista. De outra forma, ele está desperdiçando tempo e energia. É seu próprio subconsciente (mente reativa) e não algum fantasma de outro mundo quem traz o resultado.

O ciclo de ação de um sigilo segue sempre o mesmo padrão básico ainda que algumas sofisticções possam ser adi-

cionadas para trabalhos específicos. O Magista reconhece um desejo, lista os símbolos apropriados e os arranja em um glifo facilmente visualizável. Utilizando quaisquer técnicas gnósticas ele materializa o sigilo e então, por força de Vontade, o lança em seu subconsciente de onde o sigilo pode começar a agir livre do Desejo.

Já que é possível para nós atingir ocasionais lapsos ativos do subconsciente, é razoável supor que o subconsciente está ciente do estado de vigília. Se ele é apropriadamente vitalizado (p. ex. lembrado), o subconsciente é capaz de realizar várias funções importantes. Sonhos, ainda que não no mesmo nível do Desejo sigilizado, são um exemplo disso. Eles expressam, durante a aparente ausência da mente analítica, os desejos e problemas da vida cotidiana e tem até certo ponto um valor calman-te e até mesmo educacional.

A psicologia nos prestou um desserviço chamando esta área da mente de subconsciente já que aparentemente é a única parte da mente que está acordada e funcionando o tempo todo. O “cérebro que nunca dorme” e que soluciona problemas para nós enquanto nós acreditamos estar dormindo é provavelmente mais eficaz em transformar os planos sutis do que o estado de vigília com seu constante diálogo interno.

A mente pode ser concentrada, mas quão mais concentrada pode ser a mente que não tem Vontade ou Desejo própria? A habilidade de ignorar a mente analítica e prestar atenção nas mensagens enviadas pelo subconsciente é a qualidade que reconhecemos como genialidade.

O poeta sem inspiração, aquele que trabalha suas palavras como massa, só consegue dar insight em seus significados. O poeta que se rende a si próprio eleva o seu leitor à novas alturas de emoção e compreensão. Existe um estado mental peculiar requerido para uma sigilização de sucesso. Paradoxalmente, é um estado de não-desejar similar à idéia de Crowley de “sem ânsia de resultado” e de Austin Spare “não-interesse/não-desinteresse” ou “neither-neither”. Isso não é dizer que ativa-

mente não desejando qualquer resultado vá ocorrer, mas ao invés disso, dizer que esse “não-desejar positivo” é o modo ideal para trabalhar. Estou ciente que o anteriormente exposto é de certa forma confuso, mas não há forma melhor de descrever o estado. Um amigo meu uma vez me pediu para explicar esse assunto e só o que eu pude dizer foi que ele identificaria o estado quando se manifestasse. Três anos depois ele me disse, com um sorriso em seu rosto, que sabia exatamente o que eu queria dizer. (Ele também, não encontrou melhor descrição).

Nesse ponto o conselho de “invocar sempre” mostra sua importância. Nos disseram que quando se sabe fica mais fácil e na sigilização essa premissa é muito útil. O adepto que utiliza sigilos regularmente se torna desapegado dos desejos deles, mas mantendo a certeza de sua efetividade ele obtém o seu resultado.

Para o Magista que não tem experiência de sigilos, é melhor ele escolher desejos que não tenham importância particular para começar, sigilos cujo sucesso tenham tão pouca capacidade de inflar o ego quanto possível. Através do “invocando sempre” ele se tornará tão familiarizado com o processo em questão que poderá ativar um sigilo repetidamente sem mesmo se lembrar do Intento original (É importante que ele escolha de antemão quantas vezes determinada operação deverá ser repetida, isso se houver qualquer repetição).

Guardando um registro acurado de seus trabalhos, quando seus experimentos inaugurais estiverem completos, o magista será capaz de reler seus métodos e observar quais foram mais efetivos e de quais ele pode se desfazer por serem desnecessários. O Livro dos Resultados deverá ser mantido da forma mais científica possível. O Magista entende, claro, que nenhum experimento pode ser repetido exatamente já que existem circunstâncias que ele não consegue controlar (p. ex. o movimento dos corpos celestes, o clima, etc) mas no que se refere às suas próprias preparações (a hora do dia, os adereços do ritual, seu estado mental) ele deve registrá-las o mais detalhadamente pos-

sível. Os resultados também devem ser registrados com fidelidade à sua natureza, extensão e tempo até terem funcionado. Os céticos chamariam o resultado obtido de “coincidência”. Eu chamo de coincidência arranjada ou “magia”.

O primeiro passo na sigilização é o reconhecimento do desejo. O magista conhece o que é possível e o que não é possível e os limites da possibilidade são empurrados mais e mais longe enquanto ele se torna mais proficiente nesta Arte. O desejo é colocado em papel, pergaminho, casca de árvore ou qualquer outro lugar na forma de símbolos que simultaneamente descrevem e escondem este desejo. Vamos assumir que o Magista queira ser mais observador. Ele pode descrever seu desejo nos termos de uma das seguintes frases: - Meu desejo é ter o olho aguçado da águia. Meu desejo é ter a atenção do gato caçando. Meu desejo é ter a natureza de tudo enxergar da câmera de segurança.

Para poupar tempo e energia, ele poderia criar um simples glifo para representar as duas primeiras palavras, já que elas seriam provavelmente inerentes na maior parte dos sigilos que ele faria.

O restante da frase poderia ser expresso pictograficamente e contraído em um sigilo. Uma alternativa deste método que é especialmente útil quando representações pictográficas são impraticáveis é utilizar as próprias letras da frase, cada letra que exista escrita abaixo, as duplicadas omitidas. As letras são então moldadas e estilizadas em um glifo facilmente visualizável. Alfabetos mais antigos que o seu podem ser utilizados com um bom efeito.

Por estes processos uma escolha para o básico de um sigilo é estabelecida. Em qualquer um dos casos, as cores podem ser introduzidas como suplemento para o simbolismo e como ajuda para a visualização.

Para construir um sigilo envolvendo a idéia de força seria “tradicional” desenhar o corpo principal do glifo em laranja ou vermelho cujas cores são relativas aos quatro cinco do tarot,

à sefiroth “Geburah” (força) e ao planeta Marte. Se o tipo de força que você procura é percebido como azul, use azul. Não é magia de segunda classe passar por cima da tradição; mas magia de primeira classe utilizar as cores que tenham efeito mais marcante em você.

Para ajudar na visualização, poderia-se usar cores complementares ou “pulsantes” de modo que o fundo seja pintado de laranja e o detalhe em cima de azul. É concentrando em um desenho deste tipo que o adepto recebe uma impressão visual de pulsação e, fechando os olhos, “vê” o todo como em negativo. Ou seja, o laranja é agora azul e o azul é agora laranja. Há também um efeito subliminar que não pode ser descontado. Com uma pequena experimentação de quais tonalidades usar, esta técnica se tornará muito efetiva. Caso você não tenha certeza de qual a cor complementar de “amarelo”, por exemplo, pinte amarelo em uma folha de papel, fique encarando sob uma luz forte por meio minuto e então feche os olhos. Você “verá” a cor que precisa.

Como um complemento da impressão visual do sigilo, um mantra também poderá ser utilizado para que tanto os sentidos visuais como auditivos sejam tomados de assalto pela afirmação no auge da experiência gnóstica. O mantra pode ser construído de modo similar ao sigilo alfabético exceto que os fonemas da sentença de desejo original devem ser utilizados ao invés das letras. Um exemplo deste método é aqui aplicado para uma das sentenças dadas acima: “Meu desejo é o olho aguçado da águia” (do original em inglês “*My desire is the keen eye of the hawk*”, N. do T.) vira “myd esir is Ken ai o thaw”, que vira “mizir iz kenai otaw”.

Este método, ainda que elegante na maioria dos casos, não funciona muito bem com esta sentença em particular (como demonstrado). Existem alternativas. Meu tipo favorito de mantra para este tipo de trabalho é o mantra giratório que é formado facilmente com línguas estrangeiras e que consiste em cinco

linhas de quatro sílabas cada, a ênfase recaindo na segunda e quarta sílaba de cada linha.

UM EXEMPLO

**men barb wa bayb – saher saha – kul ha ga nas – wi ehna nos y thay ta
ros**

Mantras giratórios, quando cantados energeticamente, produzem um ritmo motivador. Eles são melhor cantados por duas pessoas cantando linhas alternadas. Eles não são fáceis e requerem grande prática. O tempo gasto praticando esta disciplina não é desperdiçado. O mantra, que não contém nenhum dos sentidos da frase de desejo, mas contém a intenção por trás dela, amplifica a intenção em conjunção com a concentração no sigilo. Os sentidos do olfato, do tato e do paladar também são utilizados para tomar de assalto o subconsciente através do sistema mnemônico que chamamos de Magia. Sobre isso trataremos no capítulo 3.

CAPÍTULO TRÊS

Como em qualquer atividade que é freqüentemente repetida, a sigilização de desejos pode levar à obsessão, especialmente se o desejo em si for importante. Se não fosse, então o magista, a não ser que esteja praticando a técnica, não iria sigilá-lo. Por causa deste risco o processo ritual de sigilização deve ser contido em parâmetros psíquicos de forma que o desejo possa ser deixado para se auto-realizar ao invés de ficar pesando na consciência do magista, logo, reduzindo sua eficácia em outras áreas.

Banimento, a técnica de confinar qualquer processo mágicko, aparece sob a forma geral de “Magia Ritual” junto com esses processos designados para gerar emoções, vontade, gnosís e outras atividades cerebrais dentro de planos especificamente mágickos.

O Banimento Ritual é executado antes e depois do Ato principal do Ritual. Ele tem dois propósitos. O primeiro é esvaziar a mente do magista preparando-o para estender sua habilidade de concentrar a atenção durante o ritual. O segundo é para esvaziar sua mente do ritual que realizou e desta forma ajudá-lo a se ajustar as mudanças que ele acabou de fazer na sua realidade pessoal (o jeito que ele enxerga o universo) e para se reajustar ao funcionamento de novo no plano profano. Resumindo, os banimentos representam uma letra capital e uma parada completa, o ritual sendo a sentença do meio. O leitor da “sentença”, a mente do magista, é então claramente informada do começo e final do ritual. O quanto mais um banimento é praticado, o mais ele se torna efetivo.

O Ritual de Banimento em si pode tomar várias formas é o melhor é que o magista construa um próprio. Basicamente, ele consiste no estabelecimento de uma posição no espaço e no

tempo (Sacralização do Agora, N. do T.). O magista que estiver “no tempo presente” não terá problemas com obsessões.

Um banimento pode ser executado tanto mentalmente como com toda a parafernália cerimonial, a última forma sendo, em minha opinião, preferível, já que, como um velho sábio uma vez disse: “o melhor símbolo para uma boa espada afiada é uma boa espada afiada”.

Exemplos do “Ritual Menor de Banimento do Pentagrama”, um ritual da Golden Dawn ou outros menos tradicionais métodos são facilmente acessíveis. A maior parte dos livros de tipo “Introdução à Magia Prática” contém algo dessa natureza. O exemplo que segue, chamado “O Rito Da Estrela do Caos”, foi publicado anteriormente na primeira edição de “Chaos International”.

Qualquer rito, de qualquer lugar que seja, pode ser alterado para necessidades individuais e a porra do banimento seguinte para abertura/encerramento não é exceção. Ele não se baseia em nenhuma forma angelical ou divina ou qualquer simbolismo óbvio e não necessita de nenhum local particular para ser efetivo. Isso quer dizer que ele pode ser utilizado como prefácio para os mais diversos tipos de rituais sem que interfira esteticamente com o que quer que se siga. Sua função não é agir como uma barreira contra energias desconhecidas e influências (O Método da Golden Dawn), mas preparar a mente do magista para o contato com estas energias e influências. É absurdo que magistas sofisticados gastem tanto de sua energia afastando as impressões do caos ou lado esquisito da consciência enquanto xamãs mundo afora vão a extremos para se abrir a estas impressões e energias. Afinal de contas, se você não tiver experiência de caos, a energia geralmente escondida e formativa do universo, você dificilmente poderá causar mudanças no universo constituído ou em sua própria percepção, compreensão e atenção. O Rito Da Estrela do Caos tem a finalidade de preparar a mente do magista para adentrar um palco de operações bastante diferente desta esfera mortal, cósmica na qual ele normalmente opera.

O rito parte de três premissas:

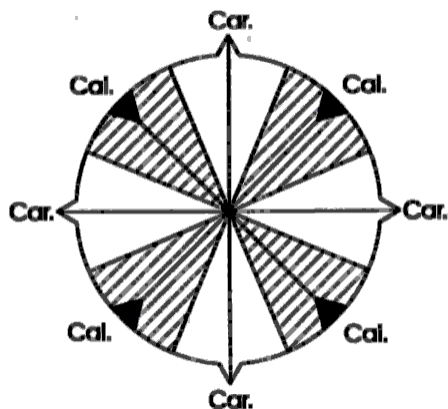
1. O universo fenomenal (o resultado manifesto e formado de poderes universais, probabilidade, cosmos) é melhor representado pelos pontos cardeais. A necessidade de representá-lo em si é o efeito da necessidade de compará-lo ao caos.

2. Caos, a esfera das (até agora) energias não formadas, é melhor representado pelas pontas da Estrela na metade das distâncias dos pontos cardeais. Em termos calendáricos, os pontos da metade do caminho são os momentos do ano nos quais a energia esquisita da improbabilidade é convidada a entrar.

3. O Preto e o Branco podem ser utilizados na visualização sem que sugiram moralidade ou intenção de resultado.

A rubrica do rito (que deve levar uns dez minutos para ser realizado tranquilamente) segue abaixo.

Explicações são fornecidas, onde necessárias, em itálico.



O RITO DA ESTRELA DO CAOS

O MAGISTA FICA DE PÉ NO CENTRO DO TEMPLO. TENDO SE ACALMADO COM RESPIRAÇÕES PROFUNDAS E REGULARES, ELE DECLARA:

No começo, quatro forças se juntaram em perfeita comunhão. No final será o mesmo. Aleph é Ômega. As quatro são uma e a uma é o mundo. Tudo vêm da união das quatro. Tudo existe porque elas estão separadas.

Existem quatro forças. Gravidade, eletro-magnetismo, fraca e forte. Estas forças são responsáveis por este e pelos universos prévios. Quando as quatro se encontram, o Big-bang acontece, encerrando um universo e começando um outro. Esta doutrina é similar em algumas formas com a noção clássica dos quatro elementos.

O magista então procede à identificação dos poderes nos pontos cardeais.

DE FRENTE À QUALQUER UM DOS PONTOS CARDEAIS, O MAGISTA ENTOA O MANTRA VISUALIZANDO, ENQUANTO O FAZ, UM SEGMENTO DE LUZ BRANCA, A ENERGIA SAINDO DELE, ELE REPETE ISTO NOS TRÊS PONTOS REMANESCENTES.

le arbaa ka yikun gamaa agiba ka ta'ala ni yikun sowaa

O mantra tem função em dois níveis já que ele é utilizado tanto para dissolver as ligações do magista com a realidade

de consensual quanto para enfatizar o influxo de energias e poderes que causarão o estado de alteridade que possibilitará a realização da magia. É praticamente impossível compor um mantra em inglês para estas funções por duas razões. 1) Para que tenha efetividade máxima ele precisa ser vibrado em uma única respiração com ênfase na segunda e quarta sílaba de cada linha, de forma que o mantra inteiro forneça um efeito de tamborilamento de ronco profundo de um motor contínuo. 2) Criando mantras na hora e depois meditando sobre eles para aliar o som ao sentido, um grande volume de informação pode ser espremido em um mantra relativamente curto. O significado desejado deste mantra particular é “Deixo o efeito das quatro forças penetrar no meu/nosso próprio raciocínio. Deixo o caos me/nos impregnar e me/nos concentrar no reino estranho (das impressões e do poder)”.

DE FRENTE AO PRIMEIRO PONTO NOVAMENTE O MAGISTA DECLARA:

Deixo o Caos e o Cosmos se combinarem!

O caos e o cosmos sempre estão combinados de qualquer forma, mas não necessariamente dentro da nossa intenção. O propósito da Estrela é reforçar o conceito dentro de nossa esfera de conhecimento.

ELE PAUSA PARA REFORÇAR A SUA (OU A DO GRUPO) IMAGINAÇÃO ATÉ AQUI. ENTÃO, ELE CONTINUA:

Antes do primeiro! Além do último! O pulso incognoscível, que transcende o tempo, penetra as formas rígidas. Improvável Caos, entre estas linhas, concebe a dança rodopiante.

O caos não é refém do tempo ou dos big bangs. Ele é improvável no sentido científico e permite que o improvável ocorra dentro do quadro inerte do cognoscível.

VIRANDO-SE PARA O PRIMEIRO PONTO DA ESTRELA, ELE VIBRA O MANTRA, VISUALIZANDO UM SEGMENTO DE ENERGIA PRETA INVADINDO, SABENDO QUE O AMBIENTE DA IMPROBABILIDADE ESTÁ SENDO CONVIDADO A ENTRAR. ELE REPETE ISTO NOS TRÊS PONTOS RESTANTES E ENTÃO, VOLTADO PARA O PRIMEIRO PONTO NOVAMENTE, ELE DECLARA:

Deixo o Caos e o Cosmos se combinarem!

O MAGISTA ESTÁ ENTÃO PRONTO PARA PROCEDER AO CORPO PRINCIPAL DO RITO NO FINAL DO QUAL A ESTRELA DEVE SER REALIZADA AO CONTRÁRIO, A ENERGIA NEGRA DO CAOS SAINDO FORA ENQUANTO A ENERGIA BRANCA DO COSMOS ESTÁ INVADINDO.

É mais fácil visualizar a Estrela e suas energias circulantes em um plano reto, mas muito melhor imaginar suas arestas atingindo o infinito acima e abaixo, com si próprio em seu centro.

O restante deste capítulo é consagrado a um exemplo de sigilização ritual.

UM RITUAL DE EXEMPLO

(Considerações Preliminares)

1. Para o propósito deste exemplo vamos considerar que o magista tem acesso a um templo, que é uma sala perfeitamente vazia, preferencialmente sem janelas. Vamos também considerar, de forma a evitar a glamourização do tema, que ele planeja amplificar seus poderes de cura. Seu primeiro passo é decidir uma sentença de desejo. Ele estuda sua primeira idéia: “- Meu desejo é me tornar um curandeiro” e a rejeita por não ser precisa. Ele na verdade não quer se tornar nada; ele quer ser o que é e também ser capaz de curar. Ele estuda a segunda idéia: “Minha vontade é ser capaz de curar” e assim a aceita. Ela não contém nada que possa afastá-lo da idéia que ele tinha decidido seguir (ver **O Juramento, Capítulo Um**; nem contém nada que possa “colocar uma pressão muito grande no universo” (na sua percepção). Ele medita na sentença de desejo.

2. Ele corta todas as letras duplicadas e triplicadas de sua sentença de desejo (“My will is to be able to heal”, N. do T.). Isso dá **MYWILSTBEAOH** e medita nisso, constantemente fazendo a conexão entre o formato dessa “palavra” e seu intento, **NÃO** as palavras, de sua sentença de desejo.

3. Re-arranjando as letras, sobrepondo umas, justa-posicionando outras, o magista cria seu sigilo o qual é sobretudo a maior simplificação possível das doze letras. Ele pinta isto em verde em uma superfície vermelha pois ele considera que é a cor da saúde, vermelho por que é a cor complementar de verde (uma combinação que fará o sigilo “brilhar”) e então parecerá verde quando ele fechar os olhos. O sigilo deve ser de um tamanho decente e pode ser de papel, pergaminho, papiro, seda, casca de árvore (vidoeiro no original, N. do T.) ou qualquer outra coisa. Para escolher o melhor material e tamanho, o magista precisa saber como vai destruir o sigilo (isto é explicado mais abaixo no exemplo). Ele também escolhe um material apropriado ao tipo (estilo, cenário) de rito que está se propondo. A escolha do tipo

depende de qual sistema de crenças (se houver algum) o magista supõe que sustentará melhor a noção de que seus poderes de cura podem ser melhorados.

4. O magista que é livre de dogmas e preconceitos ou crenças impostas possui uma grande vantagem. Esta é “a tela vazia” na qual ele criará seu rito. Suas opções são várias e ele escolhe, em poucos dias, o ponto de vista através do qual ele vai trabalhar o sigilo de agora em diante. Ele decide que acreditar em uma das deusas da saúde seria útil e adota devidamente Brigid como sua divindade até o final do rito. Esta escolha determina um tom e uma atitude. Brigid não é somente a deusa da cura e das fontes de cura, mas também de uma energia terrível. Sua cor é tradicionalmente o verde embora sua energia seja, bastante naturalmente, o vermelho. O magista aprende o máximo possível sobre ela, construindo suas emoções através do exame de seus sentimentos em relação aos aspectos da deusa enquanto curandeira e energizadora. Ela é o papel de parede mental do rito e a atenção do magista sobre ela indica que o rito será pagão e que, no seu entendimento, o poder que ele vai trabalhar no rito será a energia da terra, ou, colocando de outra forma, o Fogo da Terra.

5. Tendo decidido o cenário geral, o magista escolhe a casca de árvore (vidoeiro, idem, N. do T.) na qual ele pinta o seu sigilo. Ele tem duas razões para isso. Primeiramente, é um material “mais pagão” que papel. Em segundo lugar, é um material bastante combustível (mesmo quando úmido) e essa qualidade se mostrará útil mais adiante no rito.

6. O próximo ponto a ser considerado é o método que será usado para induzir o transe gnóstico. O magista resolve utilizar três métodos simultâneos. **TAMBORES:** Estes ele grava anteriormente, com assistência ou não, deixando bastante espaço no começo da fita para o templo ser preparado e o banimento ser feito. Isso significa que ele não vai ter que se preocupar com equipamentos eletrônicos durante o rito. A tecnologia do século 20 não é compatível com o paganismo brigantista, o estado mental no qual ele escolheu trabalhar. Durante a gravação ele

garante que o ritmo será compatível com o **MANTRA: WIL STE AA O**, extraído da sentença de desejo. O magista utiliza este mantra vários dias antes do rito, meditando na conexão entre o som do mantra e a intenção, **NÃO** as palavras, da sentença de desejo. **GIRANDO EM VOLTA DE UM CÍRCULO:** Isto não é somente girar em volta do próprio eixo. É uma técnica que vai requerer alguma prática antes de ser usada em rituais (Ver as notas em Sigilos de ação sobre isto),

7. O sucesso da magia depende em grande parte da escolha do momento certo. Sempre houve discussão sobre como escolher o melhor horário para fazer um ritual, geralmente seguindo os movimentos das estrelas e da lua e as estações. O magista deve escolher a hora em que ele se sentir melhor. No que se refere ao presente exemplo, a sua melhor opção calendária seria Imbolc (2 de fevereiro) já que isto seria cognato com seu cenário, ou ele poderia escolher trabalhar na lua crescente, a qual é, tradicionalmente, um tempo propício para a cura. Ele decide fazer o rito no seu aniversário. É o seu sentimento sobre o quando e sobre o que é mais apropriado que é importante. Dentro do rito existe um outro momento que deve ser escolhido com cuidado.

Durante o transe gnóstico induzido pela dança, tambores e encantamento, o magista deve decidir quando o sigilo será gravado em seu subconsciente/mente não analítica. O mais rápido possível após isso ele deverá destruir simbolicamente o sigilo. De maneira geral, ele pode fazer isto de qualquer forma que lhe for mais confortável. Ele poderia: A. Rasgá-lo em pedacinhos e dispersá-lo no vento. B. Jogá-lo em um lago. C. Enterrá-lo na Terra. D. Colocá-lo em uma garrafa e lançá-lo no Oceano. E. Comê-lo. F. Queimá-lo, que é o que ele fará nesse caso. Ele fica satisfeito com a queima da casca de árvore (videoeiro, idem, N. do T.), já que é parecida com o Fogo da Terra discutido anteriormente.

A destruição do sigilo assinala o fim da mentalização da intenção ou do sigilo em si. O magista deve então esquecer os detalhes e propósitos do rito. Isto é importante porque o ato ou pro-

cesso de esquecer cessa o diálogo interno acerca do resultado potencial, aumentando em muito a probabilidade de sucesso.

8. A questão do quê vestir às vezes parece levantar mais energia entre magistas do que a participação ativa no rito. A resposta mais simples é não vestir nada. Isso é o mais fácil, garante liberdade física e é conveniente para a maior parte dos tipos de magick. Roupas do dia a dia não são convenientes. Se você tentar fazer magick com uma combinação de três peças ou jeans e uma camiseta, você encontrará uma clara desvantagem a não ser que o tipo da roupa seja especificamente relevante.

9. O magista está agora numa posição de planejar o corpo do rito.

O RITUAL

1. O templo está vazio com exceção de um altar simples no norte.

2. No altar: Uma vela verde ilumina o sigilo (que é visível de qualquer lugar do templo). Um braseiro ou turíbulo aberto em cima no qual incenso apropriado está queimando.

3. Comece a tocar a fita de percussão. O equipamento não deve estar visível.

4. Fique de frente para o altar, controlando a respiração e meditando no sigilo.

5. Faça o banimento da Estrela do Caos.

6. Pause por mais ou menos um minuto.

7. Comece a cantar o mantra. A percussão deve começar neste momento.

8. Comece a girar e continue cantando o mantra. O sigilo deve ser mantido firmemente na mente.

9. Pare de dançar.

10. Segure o sigilo sobre a vela até que comece a queimar. Coloque-o no braseiro e observe-o queimar até que o fogo o consuma.

11. Faça o Banimento da Estrela do Caos.

CAPÍTULO QUATRO

Austin Osman Spare foi enfático sobre a funcionalidade dos sigilos. Meus experimentos durante os últimos 15 anos confirmam sua confiança na técnica assim como fazem os experimentos que eu convenci outras pessoas a realizarem.

Nos primeiros três capítulos deste livro eu me concentrei no método de sigilização até a exclusão dos *comos* e *porquês* do sistema. Isso não foi um descuido. O método de sigilização conforme anteriormente descrito não precisa de crença ou suposição. Ele precisa somente ser adaptado aos métodos de trabalho dos indivíduos ou grupos que o utilizam.

Um modelo sugerido de como os sigilos funcionam não cai na mesma categoria de como fazê-los funcionar. O segundo é pragmático, o primeiro mais especulativo e por esta razão a discussão especulativa e teórica sobre como os sigilos funcionam ganhou um capítulo só pra ela.

Houve vezes em que argumentei que saber como alguma coisa funcionava poderia ser um empecilho para certos pontos de vista. Hoje em dia, eu acho que estar consciente de como uma técnica funciona durante a sua execução em circunstâncias ritualísticas pode ser um empecilho. De qualquer forma, eu vou também propor, paradoxalmente, que possuir um modelo de como uma técnica funciona praticamente age como um sigilo em si mesmo.

A Magia em geral precisa de uma abordagem multimodal. É disfuncional expressar o Universo e suas relações com si mesmo exclusivamente em termos de um modelo único. Um modelo único em última análise significa uma única abordagem. Uma abordagem não somente regula as atividades de um indivíduo, como também inibe e restringe as informações que ele recebe e está pronto a aceitar em seus próprios termos. O magista busca o oposto. Ele busca alcançar uma percepção mais larga

acessando quantas fontes de informação forem possíveis. Se você obtém suas notícias de uma única fonte, você sai prejudicado. Se você obtém seu ponto de vista de uma única fonte, você sai prejudicado. Se você obtém sua magia de uma única fonte, você sai prejudicado, a não ser que a fonte seja você mesmo.

O modelo que eu proponho não tenta conter sutilezas tais como o não-desejar positivo. Tampouco mostra a alguém como ser um melhor sigilizador. Modelos mágicos são mais uma forma de arte do que uma ciência, mas eles têm uma função, que é ajudar os magistas aspirantes no sistema de crenças em questão. A base deste modelo é o Caos. A palavra não é usada negativamente ou pejorativamente mas muito especificamente para significar o magista em si e também o universo conhecido e os universos desconhecidos fora do ponto de vista da Ordem. A Ordem não é uma realidade. É uma conveniência; um código de barras imposto sobre o Caos – não o produto em si, meramente uma referência a ele.

Nós impomos Ordem para funcionar mais eficientemente, para podermos nos comunicar, de forma que possamos socializar e fazendo desta forma começamos a esperar que o Universo se comporte de certa maneira. Embora o universo exato de Newton não mais predomine nos círculos científicos, causa explicável e efeito observável são requisitos para qualquer incidente considerado possível pela realidade consensual. Por causa disso, a realidade consensual vê muita coisa estranha e se amarra em volta de si própria em um nó embaraçoso, explicando eventos em termos de “não tendo realmente ocorrido” ou “não tendo sido possível”.

No Universo caótico, o Universo no qual o magista cria e participa, tudo é possível. Quanto mais seus sigilos tiverem sucesso, mais o magista entende que o cosmos não é rígido, que a Ordem que a humanidade estendeu sobre o Caos não é a estrutura sólida que ela achava que era. Quanto mais ele sigilizar, mais ele vai perceber que, dadas circunstâncias favoráveis (o

ritual perfeito), o Universo vai responder. O magista informa ao Caos e é informado por ele. Das seis funções mentais usadas no modelo S, D e E são mais sintonizadas com o Caos, ou, colocando de outra maneira, não são condicionadas pela realidade consensual. Todas as seis funções se inter-relacionam com o Caos em algum grau e o magista desenvolve quatro delas, sintonizando-as com o Caos. O Self é perfeito e não precisa ser desenvolvido. C precisa ser observada e analisada. As seis funções são as seguintes:

S. Self. Eu já ouvi ser proposto entre magistas que o indivíduo é composto de vários Selves. Minhas próprias meditações e as práticas que adviram delas indicam que este é um ponto de vista perigoso e improdutivo. O Self tem várias funções diferentes, mas é uma fonte imutável e constante. Ele faz o corpo conforme escolhe e, em si, não é afetado pelas circunstâncias e eventos. Magistas que praticaram exteriorização não são partidários do argumento dos vários Selves. Fora do corpo, o quadro é mais claro: o Self é Self e Self é a fonte de Self.

A. A parte sua que está lendo esse livro, que acredita ou descredita e que quer e deseja. É muito mais complicada que o Self e é a casa do diálogo interno. É egocêntrica, de outra forma estaria morta junto com o organismo que habita.

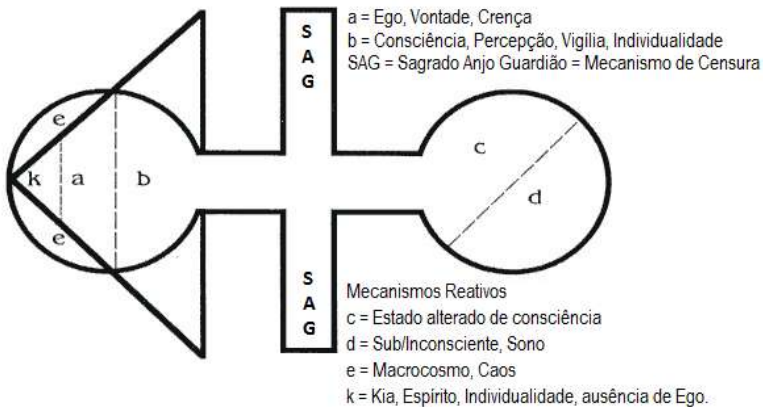
B. Consciência e Percepção.

C. O mecanismo de censura (CM). Deve ser evidente, para qualquer pessoa que alguma vez tenha sonhado, que a mente contém um mecanismo de censura. Várias vezes acordamos com uma impressão muito forte de um sonho e ainda assim não conseguimos lembrar um único detalhe. É o CM trabalhando, recusando acesso para A e B às atividades subconscientes da noite. Ele funciona exatamente da mesma forma que quando A e B tentam inserir informação no subconsciente. Até que o equilíbrio pessoal tenha sido atingido, o CM funciona em benefício da sanidade do indivíduo, escondendo da parte analítica da mente uma infinidade de atavismos e a totalidade das informações a-

cumuladas pelo indivíduo em todas as suas vidas. Pessoas que funcionam somente no plano profano ficam confusas e ocasionalmente apavoradas com vislumbres acidentais e esporádicos do que permanece além do CM. Eles não estão preparados para encontros com algo tão vasto. A Razão de ser (*Raison d'être* no original, N. do T.) do magista está em significar seu Universo e isso não pode ser realizado sem se colocar em perigo de uma insanidade temporária e confrontar estes elementos de sua psiquê que outras pessoas preferem evitar. Sua motivação é tamanha que ele não se permite outra escolha a não ser se arriscar.

D. Um dos métodos para ultrapassar a CM é a gnose, o estado mágico semelhante ao transe atingido seja através da excitação ou da inibição do corpo. Parece que durante o estado gnóstico a mente encerra o CM da mesma forma que encerra as funções analíticas. O sigilo no qual foi gasto tanto tempo e esforço pode então ser lançado na função subconsciente junto com os dados sensoriais do rito – cor, sons, cheiros, gostos, etc.

E. O sub/inconsciente. De fato, esta é a única parte da mente que está constantemente vigilante e atenta, até mesmo durante o sono profundo e a inconsciência. É um estoque de memória de tamanho inconcebível. Nenhuma experiência, independente de quão repetida ou do quão insignificante seja, deixa de ser registrada. Toda a informação acerca do seu passado está ali e estas informações estão acessíveis a qualquer pessoa que esteja preparada para trabalhar para acessá-las. No caso da sigilização, o magista não faz esforço para ter seu sigilo gravado pelo sub/inconsciente. É uma função automática. O magista coloca seu esforço em atingir gnose, desta forma calando a CM e a mente analítica. No momento da inconsciência, de grande stress emocional ou êxtase, o sub/inconsciente continua a gravar embora a função analítica pare de responder. Esta é a dica para o magista “esquecer” a sigilização.



Não vou tentar explicar a via pela qual o sigilo obtém seu efeito no Caos pois isso é meramente um dogma. Devo acrescentar, entretanto, que se alguém resolver tratar a sigilização em si como um sistema de crenças (que é o que eu faço), não faria mal algum que ele encontrasse uma explicação satisfatória para si mesmo. A física subatômica apresenta várias vias interessantes de exploração e não se deve esquecer a (agora famosa) borboleta do Caos que bate suas asas em Pequim e afeta o Universo inteiro.

SIGILOS DE AÇÃO

Um dos problemas - ou talvez o único problema - do processo de sigilização conforme foi desenvolvido nos últimos setenta anos aproximadamente é a dissociação do Intento e da operação. Os pioneiros dos sigilos sempre sustentaram que era essencial, uma vez que o sigilo tenha sido pensado e criado (usando quaisquer métodos), que o operador deveria ao menos esquecer ter feito o trabalho para tal propósito e, se possível,

esquecer o sigilo em si uma vez que ele tenha sido destruído ou consignado aos reinos da consciência (desatenta) mágica. Por esta razão, alguns sigilizadores adotaram o esquema de fazer sigilos e guardá-los junto de vários outros sigilos, pegando-os aleatoriamente e carregando-os ignorantes de seu Intento. Isto causa o efeito necessário de separar o efeito desejado do trabalho, mas também fragmenta as energias utilizadas. É um experimento útil, mas pouco além disso.

Existem dois tipos de sigilizadores – Aqueles que vêm fazendo isso há um tempo e aqueles que apenas começaram a experimentar. O primeiro grupo tende a experimentar poucas dificuldades exceto aquelas de estilo pessoal e elegância da técnica. Estas são dificuldades auto-infligidas que connoisseurs (em francês no texto, conhecedores, experts, N. do T.) de todos os tipos impõem sobre si mesmos (muitas vezes por diversão) e não são problemas de técnica básica. O segundo grupo, muitas vezes por insegurança, sofre de dificuldades mais tangíveis e foi pensando neles que os experimentos com sigilos de ação foram realizados.

A premissa inicial deste esquema de sigilos é que o input intelectual geralmente envolvido na criação do sigilo é totalmente removido. Isto requer duas operações mágicas ao invés de uma apenas. Estas duas operações compartimentalizam a criação do sigilo em seu primeiro ritual e o empoderamento dele em um segundo ritual, desta forma tornando mais fácil empoderar o sigilo sem a re-estimulação consciente das memórias de seu Intento e, já que este método de criação produz uma forma mais abstrata do que simbólica, se torna mais fácil entrar no estado de não-desejar positivo e trabalhar “sem ânsia de resultado”.

Deve ser frisado que até agora eu só experimentei esta técnica com grupos e não realizei nenhuma operação solo com ela, embora, ao menos em teoria, deva fazer pouca diferença exceto quando o abandono da identidade individual (ver 12,

abaixo) for considerado. Para manter a história curta, utilizo agora a rubrica do ritual.

RUBRICA DO RITUAL

1. Os operadores definem cuidadosamente a intenção do sigilo.
2. Um incenso é feito e será utilizado somente para este trabalho.
3. Musica é criada e gravada e será utilizada somente para este trabalho. (Ver também o item 10, abaixo).
4. Um pedaço de tecido largo e branco é amarrado firmemente na parede do templo.
5. Pigmentos apropriados para o trabalho a ser realizado são escolhidos e colocados em vasos abertos perto da tela.
6. Uma atenção especial deve ser dada à iluminação, seja do tipo tradicional, onde várias velas ou lâmpadas deverão utilizadas; seja com luzes estroboscópicas ou outros acessórios alucinógenos do Império do Mal.
7. Incenso, música e iluminação devem ser planejados de forma que, uma vez acesos ou ligados, não precisem mais de atenção durante o resto do rito.
8. A abertura: Um Rito dentro de um rito realizado por consenso de seus participantes. Suas funções são:

- a) Estabelecer o clima para o rito.
- b) Começar o rito.
- c) Lembrar aos operadores a intenção do rito.
- d) Garantir uma oportunidade para que um forte sacramento seja compartilhado.

9. Um período de silêncio no qual cada um invoca seus/suas aliados/as, deuses, demônios ou o que quer que seja.

10. A música começa. O operador que fizer o áudio (fita/cd/mp3) deve ter em mente os tipos de atividades que ocorrerão (como segue) e garantir que o áudio seja pelo menos tão longo quanto o rito, deste ponto em diante.

11. Para atingirem um estado gnóstico, os participantes começam a rodar. Esta é uma técnica por si só e deve ser praticada várias, muitas vezes antes de ser usada ritualmente. É melhor começar devagar e estabelecer um ritmo, gradualmente aumentando a velocidade até que os braços se levantem pela força gerada. Esta velocidade deve ser mantida enquanto a atenção é focada no objeto do rito, de olhos abertos. Expoentes com experiência podem entoar um mantra ao mesmo tempo. A duração provável deste processo é sujeita à quatro variáveis:

- a) A Força do Sacramento.
- b) O efeito criado pela iluminação, incenso e música.
- c) As propensões dos indivíduos participantes.
- d) O Caos, mas menos que uma hora seria um desperdício.

Girar em volta de si é uma técnica geralmente utilizada para induzir a capacidade de andar em cima de brasas. Se você sentir que está pronto para fazer isto, você conquistou o estado desejado. (Antes de usar o giro em volta de si em um ritual, é útil fazer uma trilha de brasas para provar para si mesmo a efi-

cácia desta técnica). O Estado Gnóstico é atingido quando a atenção no corpo desaparece e o Self está centrado ou totalmente exterior ao corpo.

11a. Uma dificuldade neste tipo de rito está em como fazer a transição entre uma atividade e outra, especialmente quando cada indivíduo deve atingir o requerido estado mental no seu próprio tempo. Isso quer dizer que a transição é gradual, e que alguma hora duas atividades estarão ocorrendo simultaneamente.

12. “Cada um a seu turno, conforme atingir o estado desejado” para de girar (não repentinamente para evitar mal-estar) e mantendo a concentração no objeto do rito, se aproxima da tela, esfrega seu corpo com tinta e a transfere para a tela usando quaisquer partes do corpo com exceção das mãos e pés que deixam uma marca muito reconhecível e simbólica. Conforme outros participantes vão se juntando a esta atividade, todas as noções de individualidade em termos de Corpo e Self são rejeitadas em favor da noção de Um Corpo, Um Self, Um Organismo com Intenção. Não deve haver diferenças nas mentes dos participantes entre meu Corpo e seu Corpo, este Self e aquele Self. Tudo é um Corpo independente da mão que esfregue ou da coxa que receba a tinta. Esta submissão, este abandono temporário da identidade individual tem 4 vantagens:

- a) Na ausência do Self individual não há diálogo interno.
- b) Na ausência do Self individual, a atenção pode ser facilmente concentrada.
- c) Paradoxalmente, na ausência do Self individual, a exteriorização é facilitada porque cada um abandonou a noção de um Self possuindo determinado corpo ao qual ele necessariamente deve permanecer ligado. Exteriormente ao Corpo é a condição ideal para criar efeitos mágickos.

d) Na ausência do Self individual o indivíduo automaticamente esquece que está praticando um ritual e isto o deixa livre para operar no tempo presente, não mais preocupado com o que está sendo feito ou constrangido pela estrutura do rito. Este é um excelente bônus. É o que todo ritualista prático busca atingir.

Esta parte do rito deve prosseguir enquanto os participantes conseguirem manter sua concentração e até que todos estejam totalmente satisfeitos com a operação.

13. Um encerramento, criado anteriormente através de consenso, é realizado. Suas funções são:

a) Garantir que todos os participantes estejam centrados em seus Corpos.

b) Desligar a concentração no objeto do rito.

c) Trazer o rito a um final.

Os ritualistas deixam o templo, se banham e relaxam na companhia uns dos outros. O primeiro rito acabou, um sigilo abstrato foi criado e agora deverá haver um intervalo de alguns dias, senão de uma semana ou duas, antes do segundo rito.

Existem vários pontos iniciais possíveis para o ritual de empoderamento e estes dependem primariamente dos métodos de trabalho preferidos pelos participantes. Eles podem preferir, por exemplo, trabalhar com o sigilo em si, embora o seu tamanho físico possa ser de certa forma inconveniente em termos de praticidade. Eles podem utilizar uma fotografia colorida grande ou até mesmo uma imagem de vídeo saturada. Qualquer que seja a maneira, os ritualistas agora utilizam-se de quais forem seus métodos preferidos para arremessar seu sigilo dentro do Caos para ativá-lo. A única restrição para eles é não darem ao propósito do sigilo qualquer consideração e o templo deve ser montado com isto em mente.

O NÓ DOS DRUIDAS OU O CRIME ANTES DO TEMPO POR THESSALONIUS LOYOLA

O já velho Thessalonius Loyola escreveu três poemas de humor mágicko, os dois primeiros – *The Book of the Apple I Want to Eat* e *The Singing Tadpole* – foram publicados recentemente. O terceiro, *The Druids Knot*, não publicado até 1991, resolve o problema colocado pela exteriorização (também conhecida como “a Experiência Fora do Corpo”) como sendo distinta da viagem astral e outros tipos de passeios imaginários.

Loyola era meticoloso em sua escolha de palavras e de pontuação – qualquer coisa fora do ordinário é um sinal apontando pro lado contrário ao qual as palavras parecem estar indo. Usando métodos como estes, ele foi capaz de cobrir vários conceitos como se estivessem uns dentro dos outros. As técnicas de exteriorização dadas no texto são similarmente entrelaçadas, o que é pouco surpreendente dada a complexidade do tema).

Você já se perguntou, Gentil Leitor, sobre o porquê que você vive em um universo aonde tudo que você gosta é ruim para a saúde de seu corpo e onde você não pode nem mesmo cheirar o seu próprio pescoço sem a ajuda de alguma invenção sofisticada criada com este propósito? Ou por que todos ficam serelepes acerca de um cara que transformou água em vinho mas ninguém se importou quando você transformou plutônio em mingau para demonstrar um dos paradigmas mágickos básicos mais óbvios? Confuso? Você está no universo certo para isto quer você me leia ou não. Estranho, não é, que essa confusão brote da ordem deles e clareza do nosso caos? Paz de nossos

Dogmas das Trevas e conflito da pureza de propósito deles? Eu cuspo três vezes no olho da espiritualidade deles. Minha espiritualidade não quer ser encontrada – ela geme querendo ser deixada sozinha. E aonde que meu Self deveria ser encontrado? Com certeza isso não é meu Corpo, eu só alugo espaço aqui. Certamente eu encontro meu Self em qualquer lugar que eu queira estar, muitas vezes nos vários ondes e quandos onde o espaço e o tempo coincidam (mas nunca numa mosca na parede). Cuidado com seus olhos! Eles dão a aparência de ligação com o Self e isto é uma mentira que mesmo seus pés não reconhecerão. Agrade seus olhos e se perca em suas piscadelas estúpidas. Aonde começa este nó? Começa antes do tempo.

Um pouco de conhecimento é uma coisa perigosa (nas mãos certas). Uma coisa mais perigosa é não ter conhecimento algum – com desconhecimento de qualquer universo. Desconhecimento de substância ou espaço, poder ou tempo. O pequeno conhecimento sendo o do Self ainda não restringido. O Self então estava em coisa alguma e nada mudou. Para o místico pode não haver nada no universo, mas para o feiticeiro existem duas coisas. Self e Não-Self. O Self percebe o universo na existência em ordem a perceber seu Self (Si Self, itSelf no original, N. do T.) Aqui continua esse nó. No começo haviam as palavras e as palavras não foram compreendidas. As palavras eram meu e Self. Poderia eu possuir meu Self como possuo meu Corpo e minhas botas? Meu Self é livre para ocupar o que quer que ele perceba mas escolhe, mais freqüentemente que não, mergulhar em alguma coisa viva, desfrutando das ondas da percepção.

Bruxos, como marinheiros, são tecelões de fios. O Nó de Druida não é um fio de bruxo. Thanateros é o nó ou teia de veneno mortal no qual todos que buscam prazer devem se tornar prisioneiros. O Corpo faz isto assim e o Self observa.

Eu não estou sozinho neste planeta mas me pergunto aonde os outros estão.

A Magick como uma ciência exata foi o sonho daqueles de mente pequena. Este Nó não é a MatemÁTICAS da cristalização, é a confusão da atenção de mudança.

Eu concebo sobre meuSelf e descubro que Eu estou interessado no meu Corpo. O interesse é uma yoga, uma ligação de duas coisas, o jugo do Self e Corpo. O louco que caça riquezas não pode ter liberdade alguma do ouro. Mas quando eu monto um cavalo, meu desinteresse me permite desmontá-lo. O corpo não me interessa enquanto durmo e então Eu me divirto como Eu quero. E quando meu Corpo morre Eu me desinteresso completamente e vou para fora sem nem um “valeu para todas as percepções”. Eu me lembro.

“Conhecer a si mesmo” não é de ajuda alguma com este nó. Eu concebo o meuSelf em longas meditações e me guardo contra a loucura.

Seriam três anos de pontuação e dez o bastante para o Tempo Bastardo? Tempo o bastante para a sabedoria? E é Tempo o ladrão que arribará o seu corpo e a sua memória deixando o self no vácuo? Nequequam vacuum! Thanateros! Morituri non salutandem!

Meu Corpo senta em um triângulo de espelhos, uma vela diante dele, sua nudez alimentada com fungos. Atrás dele, os corpos de dois irmãos de jornada ocupam os ângulos restantes. O Self se senta atrás de meus olhos, aproveita um longo olhar na imagem do Corpo, e então senta atrás dos olhos da imagem e aproveita um longo olhar de volta ao Corpo. O Self seleciona uma nova imagem das várias disponíveis e se senta atrás de seus olhos olhando de volta para o triângulo infinito e o Corpo fica cego. Para meu próximo truque, vou ocupar a imagem de um irmão de jornada olhando de volta de lá para o triângulo de exorcismo. Faço isto várias vezes, sempre forçado à olhar de volta para dentro. Às vezes, eu vejo o Corpo que gerou a imagem que estou e várias vezes vejo meu próprio Corpo pelas costas, feliz porque algum outro Self está ali, olhando através de meus

olhos o reflexo de um Corpo que eu não mais habito. Depois, tomo um cuidado especial para saber quem Eu sou.

O Corpo é um calabouço e o pensamento é o seu sintoma. Preso dentro deste Corpo Eu sou um prisioneiro da percepção. Fora do Corpo, Eu sou um prisioneiro da não-percepção.

Eu não confio no futuro – O futuro é caos. Eu confio plenamente no futuro – o futuro é caos. Nihil sine kaos.

Na luz bruxuleante da tarde Eu me mantenho em uma perna só, com as mãos na cintura, na beira de um abismo profundo, olhos voltados para baixo. Neste Asana, o vento brincando perigosamente com a existência contínua do Corpo, Eu silenciosamente contemplo *caindo para além da terra*. Meu terror vai conduzir a realidade em meditações futuras.

O Corpo faz o que lhe é ordenado. O único crime é desperdício.

Durante todo este tempo eu mantenho meus olhos em todas as direções, alerta para a fervor, minha e de outras pessoas. O Fervor prega uma solução simples para esse nó sem nunca ter esticado uma única corda.

Deveria eu ficar preocupado de após Eu ter jogado fora esta casca mortal algum feiticeiro doente improvise em um trompete feito com um de meus dois fêmuress favoritos?

O começo de um nó é o final de um nó. Este é o único. Alfa e Ômega são a mentira da substância, o truque do Tempo Bastardo. A percepção faz assim. Será que eu deveria perceber meuSelf emaranhado com o Corpo, convencer meuSelf que dois são um, ou será que eu deveria me alistar como um forasteiro, para estar realmente fora de todas as coisas, como Eu escolho? Sem moradia fixa.

